

homem do saco / 2024

Um filme de António Sanganha

Argumento e realização: António Sanganha / Diretor de produção: Ricardo Rodrigues / Assistente de realização: Diogo Correia / Assistente de produção: Dina Duarte / Dir. fotografia: Milton Mendes / Dir. som: Yuri Laureano / Op. de câmara: Rui Caetano / Direção artística: Sofia Tomaz / Pós produção de imagem: Miguel Chichorro / Interpretação: Sarah Lopes, Alyona Shulika, Marco Laureano, Miguel Linares
Produção: Cine-Reactor 24i / Cópia: digital, com legendas em inglês / Duração: 19 minutos

Do famoso conto de folclore nacional que impinge terror nas crianças malcomportados. Todos os homens do saco trabalham para esse propósito, mas pouco é sabido sobre a razão de o fazerem. Esta é a história de um desses trabalhadores.

homem do saco foi a última produção do Colectivo 13, grupo formado pela 13ª edição do curso geral de cinema da Cine-Reactor 24i.

Aurora / 2024

Um filme de Miguel Chichorro

Realização: Miguel Chichorro / Fotografia e Câmera: Fernando Brito / Som: Marco Laureano e Yuri Laureano / Assistente de Realização: Marco Laureano / Assistente de Câmera: Carlos Gil / Produção: Manuela Veiga / Assistente Produção: Lucília Laureano / Caracterização: Elisabete Rodriguez e Sónia Duarte Lopes / Direção de Arte: Sónia Duarte Lopes / Figurinos: Paula Miranda / Anotação: Beatriz Fradinho / Vídeo Assist / Assistente de Câmera: Marco Lopes / Interpretação: Carolina Monteiro e Manuel João Vieira / Agradecimentos: António Duarte (Aldeia do Soito) e Jorge Lucas (Lousitânea)
Produção: Cine Reactor 24i / Cópia: digital, com legendas em inglês / Duração: 22 minutos

Aurora observa a sua vida através dos olhos de uma boneca de porcelana. A sua história funde a realidade com a dimensão psicológica, marcada por isolamento e violência.

A ideia para **Aurora** nasceu do impacto visual e emocional provocado pela obra *Renacer*, da fotógrafa galega Eva Díez. Nas suas imagens, a artista ilumina ruínas devolutas com feixes de luz, devolvendo-lhes memória e presença. Essa noção – a de que a luz pode reanimar o passado – transforma-se, neste filme, em fantasmas sonoros e em imagens que têm tanto de belo como de austero. Aqui, são as vozes, os ecos e os ruídos das casas abandonadas que emergem das paredes de pedra, revelando o que nelas ficou retido: lembranças de infância, gestos de ternura e de violência, o murmúrio de um tempo que passou.

Sob a aparência de um conto simbólico, **Aurora** desenvolve-se como uma parábola sobre a consciência e o trauma. A menina que observa o mundo através da sua boneca vive entre a inocência e o medo, entre o sonho e a brutalidade. O filme transforma a paisagem rural – marcada pelo abandono e pela ausência – num espelho interior, onde a memória se torna o verdadeiro espaço da narrativa.

A ação decorre no início da década de 1980, num Portugal ainda a ajustar-se às transformações sociais e económicas do pós-Revolução. O êxodo rural, iniciado décadas antes, deixara atrás de si aldeias despovoadas, uma sensação de perda e o silêncio da impunidade. É nesse cenário que Aurora procura reencontrar o invisível: aquilo que o tempo apagou, mas que a consciência – como a luz nas fotografias de Eva Díez – insiste em fazer renascer.

Quem está aí? / 2019

Um filme de Ricardo Rodrigues

Realização: Ricardo Rodrigues / Fotografia e Câmera: Rui Caetano / Som: António Sanganha / Assistente de Realização: António Sanganha / Banda Sonora Original: José Neves / Interpretação: Raul Pessoa
Produção: Cine Reactor 24i / Cópia: digital, com legendas em inglês / Duração: 7 minutos

À noite, os nossos medos, anseios e dúvidas ganham corpo e atormentam-nos pelos caminhos que percorremos. Dentro do nosso mundo interior temos e avançar e enfrentar o que nos atormenta ou corremos o risco de ficarmos presos em nós mesmos num loop eterno. O nosso personagem, sem nome, decide, uma noite, como tantas outras, embarcar nessa mesma jornada seguindo a origem de um som que o intriga.

Quem está aí? nasce de um projeto experimental em que o grupo Trio Katchanga se pergunta se será possível fazer uma curta-metragem numa noite.

Seguindo o minimalismo de apenas uma personagem e um cenário, procura captar a solidão externa por oposição ao ruído interno qual não se permite libertar.

Quem está aí? procura jogar com a tela escura, o grão, as sombras, as silhuetas, as cores garridas, para criar uma atmosfera mais do que não se vê do que se vê. O que está escondido. O que está na camada de baixo. O que está naquilo que não conseguimos vislumbrar e perceber.

Caseiradas Virtuais, Vol. 4 / 2020

Um filme de Marco A. Laureano

Argumento, Imagem, Som e Realização: Marco A. Laureano / Interpretação: Cátia Tomé, Carlos Alves, Yara, Mouzinho Arsénio, Manuela Veiga, Marco A. Laureano / Correção de cor adicional: Miguel Chichorro
Produção: Cine-Reactor 24i / Cópia: digital, com legendas em inglês / Duração: 14 minutos

Estamos no ano 2020. Lisboa. Há uma epidemia de coronavírus no mundo, e as pessoas, para se protegerem do vírus, são obrigadas a ficar em casa 24 horas por dia. Mas a indústria do entretenimento está mais procurada do que nunca. As produtoras cinematográficas utilizam hologramas para fazer o trabalho para elas. Os actores não resistem, não vendo qualquer perigo nisso. Gradualmente, as hologramas substituem as pessoas reais. A certa altura, um dos realizadores da produtora cinematográfica começa a duvidar com quem está a lidar: com a realidade ou com um holograma? Onde está a realidade? E se ele próprio for uma holograma?

Este filme surge de uma necessidade: durante o covid-19 um conjunto de amigos, realizadores amadores, combinaram fazer filmes sozinhos em suas casas, usando apenas o telemóvel, sem iluminação e sem captação de som com microfone. Fizeram com o que tinham em casa. Devido ao avanço da tecnologia nas comunicações podemos sempre manter a distância com muita proximidade quando queremos. Essa tecnologia torna-se essencial para manter a união quando a base é humana, quando as relações são fortes. Mantivemos a nossa vontade de estar juntos e de fazer filmes. Um filme pode ser feito com inúmeras limitações técnicas desde que não falem a imaginação e a criatividade.

Marina Miller e Marco A. Laureano